ANNO I — SÃO PAULO, 9 DE NOVEMBRO DE 1905 — NÚM. 6

O CARPINTEIRO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PUBLICA-SE POR SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A JULIO SORELLI — Rua Barão de Jaguara, 150

A solidariedade na luta operária

Em sua brochura *A responsabilidade e a solidariedade na luta operaria*, o camarada Nettlau esboçou esta maneira de ver: que os trabalhadores devem interessar o público em suas lutas contra os exploradores. É uma brochura que os sindicatos deveriam meditar e espalhar com profusão, não só entre os seus adherentes, mas em todo o público (1); porque ha, nesta ideia, se ella acabasse por entrar nos costumes, uma força social que acabaria por lhes assegurar a victoria em todos os conflictos politicos e economicos. Infelizmente, esse folheto passou despercebido; nenhum jornal corporativo se ocupou delle, nenhum sindicato tentou propagar-lhe as ideias: «Não passa de teoria e de utopia,» hão de ter dito decerto os que o leram (2).

E no entanto, se aquelles, todos aquelles que gritam contra uma lei, contra um abuso, quisessem agrupar-se, associar-se, para resistir a essa lei, a esse abuso, esse abuso e essa lei desapareceriam, porque são numerosos os que podem ser feridos por uma lei, por um regulamento, e são apenas a minoria os que disso tiram proveito.

Mas prefere-se declamar contra os que as fazem ou aplicam. Se encontramos um jornal que consente em inserir as nossas queixas, muito bem, é o jornal por excellencia; se um candidato vos promete ocupar-se, quando for deputado, da abolição da lei ou regulamento, eis o salvador: espera-se que as lamentações comovam os que tiram proveito dos abusos, ou que o candidato se torne deputado, e que, quando deputado, ache muitos outros, decididos tambem a demolir a lei ou regulamento nefasto. A não ser que o candidato, uma vez deputado, tenha interesse na conservação da lei ou regulamento a destruir...

Assim é que, nas corporações, nunca ha senão um pequeno nucleo de fieis em volta do sindicato, desinteressando-se a maioria dos operarios do que se passa na sua associação e na sua classe, vivendo de dia para dia, não notando que a luta deve ser contínua, incessante, e que os periodos de calma não podem ser senão a preparação para os conflictos futuros. E perante esta indifferença dos individuos pelas questões que os tocam tão de perto, parece muito quimerico esperar levá-los a interessarem-se pelas lutas secundarias, só com a esperança duma ajuda mais ou menos incerta da parte daquelles que elles tiverem apoiado.

É, com efeito, uma nova mentalidade a criar.

Não era, afinal, a mesma objecção que se opunha á greve geral? Para que ella fosse possivel seria preciso interessar nella muita gente dos differentes officios. Entretanto a greve geral que, quando a sua ideia foi lançada, parecia ser um sonho de utopista, tornou-se uma corrente de opinião que se desinvolve e sente engrossar diariamente o seu nucleo de partidarios.

É um novo lado da questão a encarar. Esperando o assalto final, em bloco, contra as ultimas resistencias, organizemos o desmantelamento contínuo e sucessivo da fortaleza de abuso e de injustiça que nos oprime.

***

No interesse do público por qualquer greve que se declare ha, parece-me, uma força bem mais poderosa do que no sabottage que não passa dum acto de vingança e póde ser reprimido depressa.

Quand estala uma greve, esquece-se muito o público; dever-se-ia fazer-lhe comprehender todo o interesse que elle tem, se quer ser bem servido, em sustentar as reclamações dos grevistas, em prestar-lhes auxilio, fazendo o vacuo em torno das casas atacadas. Dever-se-ia lembrar a todos aquelles para quem se appella, que muitos delles podem dum momento para o outro ter que formular as mesmas reclamações, e pedir o mesmo apoio.

Não só os trabalhadores são o numero, o que significa que, quando souberem pôr-se de acôrdo, poderão impor a sua vontade, mas tambem a vida social caminha graças ao seu trabalho, á sua cooperação constante em todas as engrenagens que lhe regulam a marcha. Podem desorganiza-la com a sua abstenção.

Que experimentem em primeiro logar a força do acôrdo, da cohesão, para melhoramentos accessorios como a defesa dos salarios, a reducção das horas de trabalho, para obter mais respeito da parte de seus governantes e exploradores. Que experimentem o seu poder; o apetite vem comendo.

A solidariedade social é ainda muito imperfeita; não passa duma teoria formulada em certos logares, e realizada noutros. Cumpre aos sindicatos revolucionarios desprender do particularismo que lhes estreita o alcance os poucos ensaios tentados. Isto é: tratem de demonstrar que, defendendo embora interesses immediatos corporativos — que hoje os trabalhadores têm que defender, se não querem sofrer condições animalescas — não se devem separar essas reivindicações de outras mais geraes. E, por outro lado, que a defesa dum programma de emancipação geral só se póde realizar pondo em acção todas as energias individuaes para a luta effectiva contra tudo quanto estorva a evolução.

Se querem tornar-se uma verdadeira força, os sindicatos devem trabalhar na criação desse estado de espirito, o unico que preparará a revolução social, varrendo o terreno das barreiras que o obstruem,

J. GRAVE

(1) Sabemos que um grupo de amigos tenciona publicar, quanto antes, a versão portuguesa dêsse opusculo.

(2) Ultimamente, alguns jornaes sindicalistas de França têm tratado esta ideia e anunciado o folheto de Nettlau.

Organização, Agitação, Revolução

(Continuação)

III

Ttata-se do dever que tem os trabalhadores nos momentos actuaes, e trata-se sem dúvida dum modo geral. Não cabe, pois, entrar no exame dos procedimentos varios, de diferenças doutrinaes, de aplicações particulares. Forçoso é que o estudo desses deveres se reduza a termos amplos, geraes e completos. Que o operario compreenda que entra em seus deveres sociaes o de estudar essas differenças de procedimentos, essas opiniões doutrinaes, esses diversos meios de organização e agitação permanente.

Que o operario saiba que o seu primeiro dever é prestar o seu esforço na luta que o proletariado mantem contra o existente; que a sua obrigação á associar-se aos seus companheiros e agitar-se com elles sem cessar: que a sua organização final, que o seu dever imperioso é fomentar o espirito de revolta e revoltar-se elle mesmo logo que possa e saiba. O trabalhador que conhece estes seus deveres não se negará, não poderá negar-se a contribuir decididamente á emancipação definitiva da raça humana, que tal é em conclusão o verdadeiro ideal revolucionario dos nossos dias.

Que sejam cumpridos estes deveres com tal ou qual bandeira, é assunto da competencia individnal. Nós temos assignalado os fundamentos comuns. Que cada um obre em consequencia. O primordial é pensar, sentir e agir com energia em todo o referente ao tremendo problema social.

Não nos é dado negar que a classe trabalhadora attendeu no factivel os seus deveres: mas attendeu dum modo relativo. É indispensavel ter sempre presente o ideal absoluto para proceder em consonancia. O periodo de associação passou. As revoluções sucessivas indispensaveis verificaram-se. Detalhes de forma, depuração das ideias e dos procedimentos, tudo foi consumado de acordo com os progressos dos tempos. O essencial, os fundamentos, são indestructiveis e tem prevalecido atravez de todos os sacudimentos das opiniões.

Entramos numa nova era, e ha que cuidar em não oahir em defeitos e vicios antigos: mas é preciso tambem procurar não entregar-se a extravios em sentido contrario, que a razão vai facilmente dum a outro extremo, dum a outro erro, sem perceber a realidade das coisas.

As atitudes das diversas organizações operarias não tem sido tão revolucionarias como seria para desejar. Era o fruto dos primeiros tempos. Na transição que se está operando a palavra *revolucionario* aplica-se frequentemente ás mesmas atitudes antigas que sob nova forma se nos offerecem como modificações. São nossos proprios desejos que nos enganam. É o resultado natural de toda transição. Urge, pois, sair pronto do periodo de transição para entrar numa epoca de verdadeira associação. de verdadeira agitação, de verdadeira revolução.

Entre o fermento das novas ideias deslizam-se sempre os germes da reacção, os elementos perniciosos do existente, e sob a forma de despreocupações acolhemos preocupações temiveis, que são nossos maiores inimigos. O trabalhador tem que prescindir dos vicios sociaes que por todas as partes o solicitam para o adormecer. E tem que prescindir, sempre no possivel, das influencias mortiferas dum sistema social que é a sua condemnação e á sua annulação como homem. O tempo que gasta adormecendo-se pelo vicio burguez, deveria emprega-lo na propaganda, no estudo e na luta pelos seus ideaes. Ninguem poderá subtrair-se em absoluto ao meio em que vive; mas sim pode resistir-se a que esse meio social o subjugue e o escravise.

Quando o operario pensador, quando o que sente o hálito vivificante das novas ideias não se vê tambem sustentado nas suas aspirações por uma actividade contínua, então apodera-se delle a indifferença e o scepticismo, e é um elemento perdido para a causa revolucionria. E como não é possivel viver em perpetua agitação, em continuada revolta, do mesmo modo que não podemos subtrair-nos em absoluto ao meio social, é preciso abrir á actividade diversos horisontes que a orientem e a aproveitem. Os organismos revolucionarios perecem ou se disolvem frequentemente por causa da eua propria inactividade. É, pois, necessario que as associações, nos momentos em que a agitação soffre tregoas forçosas, evitem o marasmo da inactividade ou da gangrena do personalismo, estudando e discutindo sem prejuizos nem preocupações as diversas ideias propagadas, as novas hipóteses estabelecidas, os diversos procedimentos que solicitem as forças revolucioaarias. A criação de centros, de ateneus; o fomento das reuniões públicas e privadas com fins bem determinados: as relações constantes com todos os organismos afins, são meios egualmente adequados para que a actividade não seja suplantada pelo decahimento dos entusiasmos e energias, tanto individuaes como collectivos.

Os esforços do exclusivismo dos seitas para arrastar-nos a um ou outro extremo, devem ser por nós rejeitados energicamente. Precisamos viver em constante actividade, e esta só póde manter-se appellando a todos os modos e meios que têm de se manifestar. Actividade permanente sobretudo, sem nunca perder de vista o ideal, sem esquecer que os deveres primordiaes da classe trabalhadora são: organização, agitação e revolução. Actividade constante sem relegar a segundo termo o supremo dever de revoltar-se sempre e quando se possa, em todo tempo, logar e ocasião.

Se os organismos revolucionarios attendem a estas condições de sua existencia como é devido, facil será ao trabalhador cumprir como bom. Se, pelo contrario, essas condições são esquecidas, então o infeliz escravo que julga emancipar-se, o faminto trabalhador que combate deseperado contra o existente, verá amortecer-se dia a dia aquelle espirito potente, grande, heroico que provoca e determina as revolucções, os factos mais notaveis da vida humana.

Neste periodo de vacilações ha que criar-se um meio artificial opposto ao meio social em que vivemos para que, sentindo-nos em parte fortes num novo modo de existencia mais em harmonia com os nossos ideaes sintamos tambem acrescentar-se a nossa energia revolucionaria, a nossa actividade demolidora. Ande o trabalhador com decisão, com ardor, com valentia em sua tarefa. Que o trabalhador não descanse nem se detenha em seus empenhos. Que o trabalhador se lance com denodo á vida. É o factor principal da revolução que se aproxima. É o elemento mais potente da renovação universal que preconisamos. É no meio da desmoralização crescente das outras classes sociaes, no meio da desordem espantosa que nos cerca o unico que se conserva puro, vigoroso e digno.

Trabalhadores todos: o vosso dever é lançar-vos sem demora á luta. Que convosco vão as mulheres não menos escravas da brutalidade burguesa. Que convosco vão os vossos filhos, condemnados como vós á escravidão. Que a agitação penetre no lar, na reunião de amigos, na rua, em todas as partes. Não mais transacções com o presente! Não mais complacencias com a ordem social tirannica que nos entrega á lei brutal do mais forte e do mais astuto sem armas de defesa! Não mais obediencia! Não mais submissão!

(Continúa)

RICARDO MELLA

Guerra e fronteiras

Os habitantes do planeta terrestre estão ainda em tal estado de inepcia, de inintelligencia, de estnpidez, que mesmo nos países mais civilizados vêem-se os jornaes quotidianos referir ingenuamente sem discussão, como uma coisa muito natural, essas combinações diplomaticas que os chefes de Estado fazem entre si, as alianças contra um inimigo suposto, esses preparativos de guerra; os povos permitem que os seus chefes disponham delles como dum gado, que os conduzam ao matadoiro, que sobre elles façam uma carnificına sem parecer desconfiar que a vida de cada individuo é uma propriedade pessoal; e que é uma acção criminosa da parte dum homem qualquer assassinar uns cem mil seres humanos... Os habitantes deste singular planeta foram educados na ideia que ha nações, fronteiras, bandeiras; têm um tão fraco sentimento da humanidade, que esse sentimento desaparece inteiramente em cada povo perante o da patria... O que é bem certo é que se os espiritos reflectidos quisessem pôr-se de acordo, esta situação mudaria, porque individualmente ninguem deseja a guerra... e depois ha engrenagens politicas que fazem viver uma legião inteira de parasitas.

FLAMMARION

A Internacional Operaria

FRANÇA

A campanha para a conquista das 8 horas de trabalho continúa activamente, tendo adquirido novo vigor. Á data das últimas noticias, tratava-se de organizar uma serie ininterrupta de conferencias por toda a França — que irão aumentar o efeito das brochuras, cartazes, carimbos, sellos, jornaes, números unicos e congressos.

A propaganda antimilitarista tomou tambem novo impulso. Agora mais do que nunca, ella é necessaria, porque se trata de recomendar aos proletarios que vestem a farda, á força e provisoriamente, que não contribuam para esmagar as reivindicações dos companheiros — e portanto suas, no primeiro de maio de 1906.

Não são desta opinião as autoridades — o prefeito e o Conselho Municipal de Paris — que, tendo imposto um regulamento e uma commissão administrativa á Bolsa do Trabalho, tomaram agora o pretexto dum numero especial antimilitarista de *La Voix du Peuple*, número magnifico por sinal, para expulsar a Confederação e o seu orgam do edificio da Bolsa — alegando que o antimilitarismo não faz parte da acção economica.

Eis como responde *La Voix du Peuple*, que continúa de perfeita saude:

«Zombam de nós? Porventura não é a paz o primordial *interesse economico* dos trabalhadores? Em que têm elles interesse nas matanças e no desperdicio de riquezas das guerras entre povos?»

E não se cansa de frisar que a propaganda antimilitarista procura levar o trabalhador soldado a não traír a causa sua e a dos seus companheiros nos conflictos *economicos* entre patrões e salariados.

Apesar destas e outras prepotencias, tanto em Paris como na provincia, prosegue com ardor a campanha que tanto incomóda os poderes constituidos e o capitalismo, que reciprocamente se apoiam.

ITALIA

Todas as noticias da Italia são aqui bem conhecidas; convem, entretanto, que registemos com satisfação os progressos da propaganda antimilitarista.

De todos os lados da Italia chegam noticias animadoras a esse respeito. Por isso o governo sobresaltou-se: foram feitas prisões de propagandistas, de membros da Internacional Antimilitarista e de soldados socialistas.

Para protestar resolveu-se intensificar a propaganda contra o militarismo. A *Federação da Juventude Socialista*, de acrodo com as Camaras de trabalho, tomou a iniciativa de organizar em todo o país uma campanha de protesto. Os comicios que deviam realizar-se em 12 de outubro foram prohibidos pela policia; mas em Roma, Alexandria, Catania, etc. a situação foi discutida em reuniões privadas.

Alguns jornaes foram aprehendidos.

Num país rico

Em todos os países os satisfeitos passam ao pé da miseria sem ver; mal conhecem a classe, cujo malestar tudo contamina e perturba, tornando impossiveis todas as alegrias perfeitas — quando, entretanto, o seu interesse estaria em estudar e remediar o mal, que é de todos, ou directamente ou por acção reflexa.

Mas se isto é assim em toda a parte, o facto acentua-se no Brasil. Ninguem acredita na existencia da miseria neste solo abençoado, onde a generosa bananeira estende a todos os seus frutos e o sol é quente e fecundante. Em pleno parlamento fazem-se triunfantes comparações entre a penuria de certas populações miseraveis, que emigram em massa, e a opulencia do colono sul-americano, onde todos são ricos e felizes...

Se a essa boa gente se falar no grande numero dos que vão fugindo do Brasil, naturalmente dirá que vão em viagem de recreio ou voltam á patria com a bolsa bem guarnecida.

Esta cegueira é em grande parte incuravel: os peores cegos são os que não querem ver. Não lhes convem ver: é a venda do interesse de classe que lhes cobre os olhos. Ou por outra, trata-se duma... illusão de optica muito explicavel: todo bem jantado suppõi os outros de barriga cheia.

Alguns descobrem, por vezes, com grandes exclamações de espanto, um canto de miseria: foi o que succedeu, por exemplo, por ocasião de uma greve de tecelões no Rio. Isso dá-se quando os acontecimentos são rumorosos; e por isso é menos frequente neste país, onde o atraso da industria e a desorganização do proletariado, a sua inconsciencia e resignação, a sua indolencia (devida em parte ao famoso sol quente) fazem manter um silencio tumular.

Em todo caso, o homem de boa vontade pode ver muita coisa, mesmo sem grande incommodo, lançando um simples olhar aos pequeninos factos que vêm á suppuração, saidos dos baixos fundos negros e misteriosos... Por exemplo: essa greve duma officina mecanica da rua Florencio de Abreu, desta cidade. O *Avanti!* deu ao publico as tabellas dos salários — diante das quaes se pergunta com espanto como é possivel viver assim! Essa greve revelou, em sua hediondez, alem de muitos, este facto: a impiedosa exploração da criança. Crianças que ganham de 5$ a 15$ por mez!

— Levam um suplemento de ganho á familia — haverá quem diga. Mentira! Essa exploração diminue os recursos da familia, porque a criança faz uma terrivel concorrencia ao adulto.

Um dos maiores males resultantes da actual desorganização social, do regime do salario, é a incerteza do dia seguinte, o risco de perder o pão a cada instante, a inquietação permanente, de tão funestas consequencias sobre a vida moral e fisica do salariado; e o receio constante de diminuição de recursos. Ganhar pouco não é o peor; o individuo acostuma-se, adapta-se, equilibra-se mais ou menos, arranja-se como pode; o peor ainda é a queda súbita, a oscilação, e suas consequencias: o desequilibrio e a inquietação.

Ora este mal faz-se sentir tanto no Brasil como em qualquer outra parte.

Na pequena greve que citamos, viu-se que alguns operarios, apesar de ganharem muito pouco, foram de repente obrigados a fazer greve por causa duma redução, que o patrão considerava muito justa, como desejando fazer sentir aos operarios que estão bem em frente duma luta de classes, luta de interesses, e que nada podem esperar da bondade das pessoas.

Essa greve, sendo perdida pelos trabalhadores, pôs ainda em evidencia outro grande mal: a desorganização do proletariado no Brasil. Esse mal aumenta ainda a incerteza da vida operaria, contribue fortemente para a oscilação dos salarios, para a sua extrema desigualdade, sujeitando-os ao contracto individual entre o operario e o patrão. O operario soffre grandes mudanças e irregularidades, mesmo dentro dum só oficio.

Tão grande desvantagem contrabalança mais ou menos a superioridade que a situação economica de *certa* parte do proletariado do Brasil possa ter sobre a do operariado de *certos* países — superioridade, que em todo caso, não é immensa, nem duradoura.

De tudo isto deviam os trabalhadores tirar uma proveitosa lição: a necessidade urgente; inadiavel da organização de classe. Vai surgir uma Federação Operaria em S. Paulo: esperamos que ella trabalhe activa e corajosamente nesse sentido.

N. V.

A coluna das perguntas

Caro...

Acabo de ver, no *Jornal Operario*, num artigo firmado por *Um Invalido*, uma defesa da acção politica das sociedades de resistencia, em que se dá ás melhoras obtidas com essa acção uma importancia superior.

És da mesma opinião? Vejo que defendes uma *politica* do «sindicato»: no mesmo sentido? para obter leis?...

Um companheiro

———

A bem dizer, a resposta já foi dada no n.º passado.

Em palavras, que grifámos, reproduzimos uma clara definição de politica operária, como a concebemos. Mas as ideias desta natureza devem ser a todo momento repetidas.

Sim, aceitamos a luta politica dentro das organizações economicas do proletariado, embora assente no terreno economico e subordinada á acção economica, mas luta politica de classe e não de partido.

Acção politica é a campanha antimilitarista, podendo revestir tantas formas de acção directa proletaria e visando a minar as bases do mais forte e violento apoio da burguesia.

Acção politica é o protesto, a agitação, a resistencia contra as prepotencias da policia, que, não encontrando outro obstaculo além da zombeteira inscripção duma garantia illusoria nesse pedaço de papel de embrulho que é a lei, póde dissolver reuniões, prender membros duma associação (por mais legalmente constituida que ella esteja), prohibir comicios (quando não ha a firme vontade de os realizar), espancar, matar, esfolar.

Acção politica é o protesto contra a intervenção das forças do Estado nos conflictos entre o capital e o trabalho, contra as sentenças em que os juizes fazem justiça de classe, ou a revelação constante dessa estreita aliança entre o poder economico e o poder politico.

E se procurarmos bem, acharemos a politica no minimo gesto das associações operarias, sempre que se trate de metodo, do modo de organização.

Acção economica e acção politica são inseparaveis — ainda por esta razão: que Estado e capitalismo são igualmente inseparaveis, ou que o governo (com todos os seus agentes, com toda a sua burocracia) é o orgam politico da burguesia.

Queremos, pois, uma acção politica que «não seja susceptivel de nos dividir e de desagregar os nossos organismos economicos como sempre fez e ainda faria a politica eleitoral» provocando *luta de partidos* (e de candidatos...) dentro da classe proletaria — QUE DEVE BUSCAR COM EMPENHO UM TERRENO DE ACORDO QUE SIRVA OS INTERESSES COMUNS E SATISFAÇA AS ASPIRAÇÕES E IDEIAS DE TODOS.

A nossa acção politica é pela ACÇÃO DIRECTA, excluindo o parlamentarismo do seio dos sindicatos e abandonando-o aos partidos politicos que o perfilham.

Essa *acção directa* é aceita por todos, pois que decerto ninguem é partidario do quietismo, do «ficar-se em casa», e se fosse, contaria como zero no movimento operario, e pois que ninguem quererá confiar exclusivamente á acção eleitoral e parlamentar o cuidado da sua salvação...

Esta acção (?) será deixada aos que a aceitam e não virá perturbar, na sociedade de resistencia, os que acham que ella não vale um sacrificio por não lhe verem os resultados, e os que acham que ella vale o sacrificio... de ser combatida a todo transe, como derivativo, como adormecimento das energias operarias.

———

— Mas achais que, pela acção directa, o proletariado organizado deva limitar-se a exercer pressão sobre o poder legislativo? ser um amparo á obra dos deputados? procurar obter boas leis operarias?

Nada disso. Sería então uma acção directa... muito indirecta.

Similhante conceito da acção politica resulta dum falso conceito da lei.

Que é a lei? Um simples trapo, que decerto não vai espontaneamente aplicar-se a si proprio, com todo o rigor, como uma lei natural... Ella é aplicada por *homens*, desde o ministro ou juiz, que a interpreta a bico de penna, até ao policia, que a interpreta a bico de sabre.

Essa amavel gente pertence a certa classe, que tem certos interesses — os quaes são confundidos por ella com os da «sociedade», assim como o negociante, para vender bem, confunde os seus com os da patria...

Essa gente aplica, pois, as leis segundo os proprios interesses, os da propriedade, os do Estado, os da classe, — só encontrando limite na resistencia oposta pelos ofendidos *em cada momento*. A «Justiça» tem duas caras: uma, agradavel, para os poderosos, outra, feroz, para os pobres.

Se não fosse assim, a tal «sociedade,» daria uma bella cambalhota.

A lei, no que póde ter de bom para os governados e explorados, só é cumprida em cada instante em que esse cumprimento é imposto.

Não sòmente é aniquilada por qualquer oscilação da industria, mas é anulada pelo proprio funcionamento regular e permanente da engrenagem dos interesses capitalistas e governamentaes.

São os proprios operarios queajudam a transgredi-la, quando não querem verdadeira mente o melhoramento ou não o comprehendem e apreciam.

Valerá, pois. a pena gastar energias durante dezenas de annos, para obter uma lei — aliás muito atenuada e embrulhada — que não é depois garantia nenhuma, sendo necessario, para manter os direitos — que se consideram garantidos — um esforço permanente pela *acção directa* de cada minuto? Com a agravante de que o confiar na lei... é repousar na cama, e ensinar aos operarios a crença na Providencia.

BALANCÊTE

DA FESTA EM FAVOR DO JORNAL

Realizada em 9 de setembro

ENTRADAS

92 bilhetes, já cobrados, a 2$000 .	184$000
Kermesse	83$000
TOTAL Rs.	267$000

SAHIDAS

Á actriz	25$000
Aluguel do Salão	68$000
Musica	60$000
Impressão de cartões	8$000
Carretos	2$000
Para completar a Kermesse . .	6$000
Cerveja	10$000
Despesas para o palco etc. . .	9$800
TOTAL Rs.	188$800
SALDO ATÉ HOJE Rs.	78$200

Restam ainda para receber alguns bilhetes que incluiremos na subscrição logo que sejam pagos.

SUBSCRIÇÃO

TRANSPORTE	188$300
S. PAULO	
Da LIGA — *Setembro* . . .	10$000
» » — *Outubro* . . .	10$000
G. Avellino	2$000
Pagaram 1$000 cada um: Bacan, Teixeira, A. Quinto. A. Rizzi, Tasselli, Abelardo, Vecchiati, N. N., E. Moretti, Tasselli, Acerbi. Teixeira	12$000
Pagaram $500 cada um. Miguel, Braghini, Guerra, Pomaro, Bedotti, Rigatti, Aristolfi. .	3$500
Alfonso, 200, Mantovani, 300, Trucchi, 300, Fortunato, 200, Braghini, 200, Prosdocimi, 700, C. Fede, 300, Grassini, 600 .	2$800
Francesco Paulillo . . .	3$000
Luciano Martella	1$400
VOTORANTIM	
Dal Bom	6$000
SANTOS	
Lambertini	1$000
	240$000
Resultado da festa . . .	78$200
Total até hoje	318$200

O nosso correio

FRANCA. — *Piatti*. Ricevuta la tua cartolina, non ancora però quello che hai promesso. — Procura di sollecitare quanto più puoi. Grazie delle buone parole. Manda notizie. Saluti a te e agli amici tutti.

VOTORANTIM. — *Del Bom*. Ricevuto come vedi. Stà bene quello che dici. Intanto grazie tante a nome di tutti. Saluti e propaganda.